EDITORIAL(Julho 2010)

As ciências sociais tendem a ocupar espaço crescente nas preocupações humanas. É verdade que temos resolvido de maneira brilhante inúmeros problemas que dependem da inteligência humana. Aí estão os computadores fantásticos, as sondas interplanetárias, o progresso incrível da medicina, todo o mundo novo das comunicações. Falta-nos resolver os problemas da convivência. Fraternidade, respeito, tolerância, apoio mútuo, compreensão da interdependência crescente entre todos os homens, são alguns itens que marcarão o terceiro milênio. Relações humanas, convivência, cooperação, modificarão a sociedade. Aos poucos o egoísmo será substituído pelo altruísmo e teremos uma nova percepção de todo o processo interativo que produzirá felicidade, saúde, educação, bem-estar, para todos.

As leis que descobrimos com a física, a química e a biologia, aos poucos serão percebidas, ao nível da alma, como leis morais. É como se a força de agregação, que gera o equilíbrio do átomo, por exemplo, continuasse atuando nas almas, agora sob o nome de amor. Aí virá uma nova economia, nova abordagem financeira, uma contabilidade que não leve apenas em conta os atos e fatos administrativos, mas considere a necessidade de se constituírem reservas para a formação do patrimônio moral. O mundo dos negócios será constituído por empresas que aumentem lucros focalizando as tarefas associadas à criação de valor para a sociedade, em vez de expropriar dela tanto quanto puderem.

Estudiosos do futuro da administração afirmam que as tecnologias e os sistemas de informação vieram para ficar. No entanto, a demanda será por pessoas de mentalidade mais aberta ao bem, à harmonia, à solidariedade, à harmonização. Virão profundas reformulações em termos de poder, estrutura, hierarquia, liderança, controle, coordenação, propriedade, incentivos. Os processos gerenciais serão mais comportamentais, crescentemente marcados por valores associados à ética e à moralidade, à responsabilidade social, mudando assim, de maneira radical, o que hoje denominamos empresa e mercado.

Educação continuada, não apenas treinamento e capacitação, cidadania, direitos ligados a deveres, serão os fundamentos das novas organizações que terão o propósito comum de buscar crescimento econômico vinculado a melhor padrão de vida para todos. Na verdade já existe uma distinção filosófica entre as empresas vencedoras de hoje, por exemplo, e as empresas do tempo das revoluções industriais, do fordismo, do taylorismo ou de outras abordagens mais recentes, meramente capitalistas. Há uma razão histórica para isso: as instituições declinam quando perdem sua legitimidade social.

Ao contrário das máquinas, as pessoas não podem ser propriedade de ninguém e se tornam mais valiosas quando se desenvolvem técnica, intelectual e moralmente. É como se houvesse um contrato moral em curso para distinguir a nova civilização.

A dança da mudança está cada vez mais animada, não só porque estamos tecnicamente mais adiantados, mas, sobretudo, porque espiritualmente estamos progredindo. Dentro dos sistemas talvez nossa percepção fique prejudicada. Mas analisando o mundo e as mudanças, há razões para sermos otimistas. O mundo melhor vem por aí, por certo, e o Espiritismo tem muito a contribuir para esse tempo novo. Discutimos um pouco destas questões na Revista deste mês. Boa leitura!